

Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 27): Evidência Científica Pertinente à Origem e Evolução da Complexidade Biológica

Seção 09 / Aula 27

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 27/09/2026, 08:00:17 (horário de São Paulo)

Aula original: September 4, 2019

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

Conclusão das questões hermenêuticas

Hoje chegamos ao resumo e à conclusão da nossa seção de hermenêutica no estudo da criação e da teoria da evolução. Creio que vocês podem perceber, pelas várias interpretações bíblicas de Gênesis 1 que examinamos, que há uma ampla variedade de alternativas disponíveis aos cristãos que creem na Bíblia, propostas por estudiosos evangélicos. Não é verdade que sejamos forçados ou limitados a uma única interpretação válida e obrigatória para qualquer cristão que creia na Bíblia. Há um bom número de interpretações possíveis de Gênesis. Agora, vocês podem me perguntar: então, qual dessas interpretações é a melhor, se é que alguma delas é?

Bem, parece-me que as duas opções interpretativas mais plausíveis são a interpretação literal do criacionismo da Terra jovem e a interpretação mito-histórica. Dessas duas, considero que a interpretação mito-histórica oferece uma análise melhor do gênero de Gênesis 1-11, pelas razões que apresentei, e, portanto, é a melhor das duas opções. Mas quero enfatizar que apresento essa visão apenas como uma alternativa plausível para vocês considerarem. Podemos e devemos estar abertos a várias opções. Alguma pergunta ou discussão final sobre nossa seção a respeito das questões hermenêuticas pertinentes à criação?

C. S. Lewis e mito-história

Aluno: O senhor tem algum comentário sobre a visão de mito de C. S. Lewis? Ele falou disso em vários de seus escritos. Pelo que entendi, ele disse que, quando era ateu, na fase ateuísta da vida dele, considerava todas as religiões mitos. E depois passou a ver o cristianismo como um mito verdadeiro. Creio que ele descreveu a ressurreição, em que um deus morre para redimir as pessoas, como algo com características de mito, mas verdadeiro para ele, não apenas mito. Gostaria de saber se o senhor traçou algum paralelo entre as ideias dele e as suas.

Dr. Craig: Recentemente, um amigo, que é um grande admirador de Lewis, me enviou um artigo bastante longo que havia escrito justamente sobre a atitude de Lewis em relação ao mito e à Bíblia. Fiquei surpreso ao descobrir que Lewis adota uma visão muito semelhante à que defendi na interpretação mito-histórica. Ele acha que esses acontecimentos ocorreram, que eram pessoas reais, mas acha que foram retratados na linguagem do mito e do símbolo. Creio que Lewis ajudou a tornar a comunidade evangélica mais receptiva a esse ponto de vista. Ele não entendia as narrativas de Gênesis 1-11 de maneira literalista, mas as considerava mitos divinamente inspirados.

O que eu acrescentaria é que não se trata apenas de mito, mas de mito-história. Há um interesse pela história aqui, e por isso elas não podem ser simplesmente equiparadas a mitos. Se vocês quiserem se aprofundar nisso, vejam Reflexões sobre os Salmos, de Lewis. Muitas das citações que meu amigo compartilhou comigo eram de Reflexões sobre os Salmos.

Integração de teologia e ciência

Agora queremos passar à análise das evidências científicas pertinentes à origem e à evolução da complexidade biológica. Ao fazer isso, é importante lembrar que nossa preocupação aqui não é (não é!) apresentar algum tipo de argumento do desígnio para a existência de Deus ou, de fato, de qualquer projetista inteligente. Não estamos fazendo teologia natural. Aqui estamos fazendo teologia sistemática, isto é, estamos perguntando: dada a verdade da revelação divina na Bíblia, como as evidências científicas sobre a origem e a evolução da complexidade biológica devem ser integradas à nossa teologia? Portanto, nosso projeto é de integração, começando pelas verdades da teologia e depois perguntando como os dados da ciência moderna podem ser mais bem integrados a ela.

Pelo que já disse, creio estar claro que, a menos que se adote a interpretação literal do criacionismo da Terra jovem, Gênesis 1 realmente não diz nada sobre como Deus criou a vida na Terra. O relato de Gênesis realmente não explica nada sobre os mecanismos pelos quais Deus criou. De fato, em dois lugares, como vimos, o relato diz que Deus declarou: “Que a terra produza”, em um caso, vegetação, e, no outro, animais terrestres, sugerindo que pode, de fato, haver causas naturais na produção dessas coisas. Portanto, parece-me que, a menos que adotemos a interpretação literal do criacionismo da Terra jovem, não há incompatibilidade entre Gênesis 1 e as teorias científicas sobre a origem e a evolução da vida.

Se adotarmos a interpretação do criacionismo da Terra jovem, parece que não temos escolha a não ser revisar radicalmente a doutrina da inspiração, de modo que o texto, ou, primeiro, seja compatível com o ensino de erros, isto é, embora inspiradas, as Escrituras ensinam erros, ou, segundo, poderíamos dizer que a ciência e a história antiquadas nas Escrituras não fazem parte dos ensinamentos das Escrituras, de modo que as Escrituras não erram no que ensinam, mas não ensinam a ciência e a história antiquadas encontradas em Gênesis 1-11.

Criacionismo da Terra jovem e evidências

Pois o criacionismo da Terra jovem não é apenas incompatível com a biologia evolutiva. Na verdade, como os próprios cientistas criacionistas reconhecem, o criacionismo da Terra jovem está em enorme conflito com a ciência, a história e a linguística modernas. Por isso, precisam propor uma ciência e uma história alternativas inteiramente diferentes, frequentemente bizarras. Não quero me deter nos aspectos negativos nesta aula, mas aqueles de vocês que se sentem atraídos pela ciência criacionista devem entender o quanto ela é extravagante. Vocês precisam examiná-la de olhos abertos. A ideia de que o Universo tem apenas de seis a dez mil anos não só nos obrigaria a abandonar a geologia, a paleontologia, a arqueologia e as técnicas de datação modernas, mas tornaria impossível até mesmo vermos as estrelas à noite, pois a luz não teria tido tempo suficiente para viajar das estrelas até a Terra.

Para explicar um fato tão simples como podermos ver as estrelas à noite, os criacionistas da Terra jovem tiveram de propor cosmologias alternativas implausíveis. Por exemplo, alguns

disseram que o Universo é uma esfera de matéria em expansão e rotação no espaço vazio, com o nosso Sistema Solar localizado no centro. Bem, deixemos de lado o fato de esse modelo não cumprir o que promete sobre como podemos ver a luz de estrelas vinda de galáxias a bilhões de anos-luz de distância. O ponto mais fundamental que estou apresentando é que os criacionistas da Terra jovem, para explicar um fenômeno tão simples como ver as estrelas à noite, são obrigados a remodelar o Universo inteiro.

E isso não para por aí. Tomem, por exemplo, a tentativa de explicar a sedimentação da Terra com base na chamada geologia do dilúvio, o dilúvio de Noé. A ideia de que houve um dilúvio mundial que destruiu toda a vida terrestre e depositou os sedimentos da Terra é uma fantasia. Para uma crítica devastadora da geologia do dilúvio, recomendo a vocês *Navigating Genesis*, de Hugh Ross, em que ele dedica um capítulo a uma crítica científica da geologia do dilúvio. O quanto o criacionismo da Terra jovem é bizarro fica evidente ao ler o comentário criacionista da Terra jovem de Jonathan Sarfati sobre Gênesis 1-11.

Para explicar a geologia do dilúvio, Sarfati supõe que, depois do dilúvio, os animais que Noé levava a bordo desembarcaram e então povoaram o mundo inteiro. Agora, como vocês imaginam que os hipopótamos a bordo foram das montanhas da Turquia, onde a arca pousou, até os rios da África Central? Ou como os pequenos coalas e ornitorrincos se arrastaram da Turquia até a Austrália, ou as preguiças até a América do Sul? Bem, a resposta de Sarfati é que a tectônica de placas ainda não havia separado o supercontinente nos diferentes continentes do mundo, permitindo que os animais migrassem para seus vários habitats.

Mas eles tiveram de fazer isso depressa. Toda a deriva continental e a formação de montanhas, como a elevação do monte Everest, tudo isso ocorreu rapidamente desde o dilúvio, há apenas alguns milhares de anos. Vocês podem perguntar: e os dinossauros? Bem, como eram contemporâneos de Noé, ele deve tê-los levado a bordo da arca também. Sarfati resolve o problema do espaço a bordo sugerindo que Noé levou espécimes jovens, dois de cada gênero. Não dois de cada espécie, dois de cada gênero. Agora, como havia pelo menos 500 gêneros de dinossauros, Noé deve ter tido pelo menos mil dinossauros a bordo da arca, que então soltou no mundo ao desembarcar.

Pensem nisso por um minuto. Apenas 367 anos separam o dilúvio do chamado de Abraão. Trezentos e sessenta e sete anos. Isso significa que toda a história da evolução e da especiação dos dinossauros, além da extinção, ocorreu em menos de quatrocentos anos, a menos que pensemos que ainda havia dinossauros vagando pela Terra no tempo de Abraão. De fato, os criacionistas da Terra jovem vivem em um Universo diferente daquele em que vive a maioria de nós. Isso é ciência disparatada, e os cristãos não deveriam se sentir atraídos por ela. Deixando de lado o criacionismo da Terra jovem, nas outras interpretações não há incompatibilidade entre Gênesis 1 e as teorias científicas sobre a origem e a evolução da vida.

Alguma pergunta sobre a compatibilidade de Gênesis com a ciência contemporânea? Sim. Aqui.

Discussão sobre dilúvio, história e linguagem

Aluno: Lembrei que, em Gênesis 7, está escrito, e isso é repetido várias vezes: “E morreram todos os seres vivos que se moviam sobre a terra”. “Tudo o que havia em terra seca e que tinha fôlego de vida em suas narinas morreu. Assim, foram exterminados todos os seres que havia sobre a face da terra: as pessoas e os animais, os seres que rastejam e as aves dos céus foram extintos da terra; ficou somente Noé e os que com ele estavam na arca.” Então, falando de compatibilidade, como o senhor descreveria a compatibilidade desses versículos muito claros, que se referem diretamente à Terra inteira, com a ideia de que não houve um dilúvio em que tudo morreu?

Dr. Craig: Os versículos que você cita ilustram exatamente o que estou dizendo. Se adotarmos uma interpretação literal da história do dilúvio, isso estará em enorme, enorme conflito com a ciência moderna, com a geologia, a paleontologia, a distribuição dos animais pelo mundo, a evolução e a extinção dos dinossauros, todas as coisas que acabei de mencionar. Como eu disse, diante desse enorme conflito, parece-me que quem adota uma interpretação criacionista da Terra jovem dessas passagens tem pouca escolha a não ser revisar a doutrina da inspiração, de modo que a inspiração das Escrituras seja compatível com elas ensinarem erros, ou poderia dizer que esses fatos científicos e históricos não fazem parte do ensino das Escrituras, mas são apenas uma espécie de casca que reveste essas verdades bíblicas mais profundas, sem realmente fazer parte do que as Escrituras pretendem ensinar e, portanto, não representam erros.

Qualquer uma dessas alternativas é uma enorme revisão da doutrina da inspiração, que creio que deveríamos ter muita relutância em adotar. Essa é uma razão pela qual prefiro a interpretação mito-histórica. Ela não exigirá esse tipo de revisão na doutrina da inspiração, mas exigirá que vocês leiam a passagem de forma não literal.

Aluno: Acho que uma das coisas que precisamos questionar é nossa capacidade de saber exatamente quais são os fatos de um passado tão distante que é preciso criar um modelo para ele. Não havia ninguém lá para ver. Quero dizer, os fatos não são repetíveis, como fazemos na ciência. É um modelo que diz: bem, é assim que acreditamos que o mundo funciona, e é assim que a evolução funciona, e é assim que a geologia funciona. Não poderia ter acontecido desse modo. Então você precisa começar dizendo: acredito nos modelos científicos das mudanças climáticas, (não, eu não acredito) e em todo tipo de modelo, porque não havia ninguém lá naquela época para poder repetir isso segundo o princípio científico da repetibilidade.

Acho que talvez haja um caminho melhor, que diga: a Bíblia é minha fonte de verdade, e vou tomar isso como ponto de partida.

Dr. Craig: Acho que parte da dificuldade nisso é que, embora você tenha razão ao dizer que as teorias do Universo primordial, como as que mencionei, que tentam explicar como podemos ver as estrelas, são baseadas em modelos matemáticos, quando se trata dessa geologia do dilúvio, estamos falando de épocas históricas em que havia pessoas vivas. Como eu disse, há apenas 367 anos entre o dilúvio e Abraão. Então é preciso comprimir toda a história da evolução e da extinção dos dinossauros em menos de quatrocentos anos, e essa é uma época histórica. Isso não se baseia em modelagem. Havia pessoas vivas naquela época.

Parece-me que as perspectivas para a ciência criacionista são extremamente ruins, e foi por isso que eu disse: acho que, se você adotar essa interpretação, precisará revisar sua doutrina da inspiração, porque acho que há pouca esperança de uma ciência alternativa.

Aluno: O senhor está dizendo que pressupõe que a Bíblia está errada. Assim como quando dissemos que a Bíblia diz que eles viveram centenas de anos, e não temos um mecanismo para saber como isso aconteceu e tudo mais, então não poderia ter acontecido, porque não acontece hoje. Eu digo: se está escrito que aconteceu, aconteceu.

Dr. Craig: Não estou pressupondo que a Bíblia esteja errada. Pelo contrário, eu disse que as duas interpretações mais plausíveis dessas passagens são a visão literal da Terra jovem ou a visão mito-histórica. O que eu diria é que, à luz da ciência, da história e da linguística modernas, a interpretação literalista foi refutada. Portanto, não se está pressupondo que ela seja falsa. Em vez disso, estamos dizendo que, à luz das evidências que temos, ela foi refutada. Não houve um dilúvio mundial há alguns milhares de anos que destruiu toda a vida terrestre. E não é possível comprimir a tectônica de placas e a formação de montanhas em algumas centenas de anos entre o dilúvio e o chamado de Abraão.

Portanto, eu apenas apelaria às pessoas atraídas por essa interpretação para que percebam o preço que ela terá. Acho que há um preço realmente alto associado a essa visão.

Aluno: Faz algum tempo que não leio nada sobre isso, mas, quanto a algumas dessas passagens sobre o dilúvio e assim por diante, li há algum tempo que a linguagem traduzida como “em toda a terra” e assim por diante poderia se referir mais a um dilúvio local. Não precisava ser traduzida exatamente com essas palavras. Será que isso... Não estou conseguindo explicar muito bem, mas será que poderia ter sido um dilúvio mais local?

Dr. Craig: Essa é uma possibilidade defendida, por exemplo, por Hugh Ross em seu *Navigating Genesis*. Ross argumenta que o dilúvio deveria ser entendido apenas como um dilúvio local na Mesopotâmia. Mas, nesse ponto, concordo com a pessoa que perguntou antes, que disse que a linguagem de Gênesis 6-9 simplesmente não parece compatível com um dilúvio local. O texto fala de como toda a vida debaixo dos céus foi destruída. A imagem ali é de que o mundo voltou ao estado primordial de Gênesis 1:2, em que estava coberto por esse oceano primevo, e então, por assim dizer, a criação recomeça depois com Noé, sua família e os animais a bordo da arca.

Por mais que eu quisesse que a interpretação de um dilúvio local fosse verdadeira, simplesmente não consigo me convencer de que essa seja a leitura correta da passagem. Se vocês se interessam por uma discussão sobre isso, vejam o livro *The Lost World of the Flood*, de John Walton, escrito em coautoria com Tremper Longman, em que ele argumenta, de modo semelhante, que a interpretação da narrativa como um dilúvio local não é a mais plausível. Mas, ainda assim, ele não acha que houve um dilúvio mundial. Ele acha que o autor está usando hipérbole e exagero. Concordo com Walton que o texto não descreve um dilúvio local, mas um dilúvio mundial.

Mas não acho que a melhor explicação para isso seja simplesmente recorrer à hipérbole e ao exagero. Na verdade, acho que isso deve ser explicado pelo gênero mito-histórico dessa literatura, que não pretende nem exige ser lida de maneira literal.

Aluno: Estou um pouco confuso. O senhor fala de um dilúvio geológico mundial, mas diz que um dilúvio local também não parece possível. Estou um pouco confuso. Qual seria a outra opção, então?

Dr. Craig: Dizer que não se pretende que o relato seja entendido literalmente.

Aluno: É aí que quero chegar. O que isso significaria exatamente, então?

Dr. Craig: Significaria que este é um relato mito-histórico da destruição do mundo, mostrando o desagrado de Deus com a pecaminosidade humana e que se pode contar com ele para trazer juízo sobre o mal e o pecado, mas também mostrando a graça de Deus ao preservar essa única família, de modo que, onde quer que haja o juízo de Deus, ele sempre é temperado com uma medida de graça. Acho que essa é a lição mais profunda a ser aprendida com a história.

Aluno: Outro ponto que seria preciso descartar, eu acho, é a ciência que busca compreender o DNA, a transição e a migração dos povos pelo mundo. Eles conseguem rastrear isso usando marcadores de DNA. Eles têm uma boa ideia de quando as pessoas saíram da África e foram para a Ásia, a Europa e a América do Norte, e não foi há 3.000 anos.

Dr. Craig: Sim. Houve uma notícia nesta semana, que Jan me mostrou, dizendo que cientistas dataram vestígios em Idaho de cerca de 16.500 anos atrás. Isso é antes do fim da última era glacial. Esses povos haviam migrado da Ásia, aparentemente descendo pela costa do Pacífico, e então começaram a se estabelecer nas Américas já há 16.500 anos. Portanto, você tem toda a razão sobre as migrações em massa de seres humanos que estavam ocorrendo mesmo antes do fim da era glacial.

Aluno: Tendo lido um pouco de autores como Michael Licona e outros, essa ideia de que pode haver descrições, eu diria, hiperbólicas nas Escrituras, como os cavalos nos estábulos de Salomão e coisas assim, em que simplesmente se diria: sim, havia uma quantidade enorme disso. Ou que todos foram mortos pela queixada de jumento de Sansão. Todas essas coisas. Há coisas assim que... O senhor diria que talvez o acontecimento em si tenha fundamento nos fatos, mas que a descrição de seus efeitos é hiperbólica?

Dr. Craig: Certo, obrigado por esse esclarecimento. Essa seria a visão de Walton e Longman sobre o dilúvio. Eles diriam que o texto foi escrito em linguagem hiperbólica, exagerada, que, segundo eles, os povos do antigo Oriente Próximo reconheceriam. As dimensões da arca, por exemplo, são tão grandes que as pessoas daquela época reconheceriam que nenhum ser humano sozinho poderia ter construído algo assim. E Walton relata algumas coisas sobre o Museu da Criação, fica no Kentucky? Que precisou de todos aqueles enormes equipamentos de construção e de tudo mais para construir a réplica da arca. Ele diz que as pessoas daquela época sabiam que nenhum ser humano poderia ter construído algo tão grande.

Portanto, essas dimensões não eram entendidas literalmente. Essa seria, então, a visão deles: que se trata de hipérbole e exagero para causar efeito, por assim dizer, a respeito de um acontecimento real. Também quero esclarecer que considero muito plausível que algum tipo de dilúvio local esteja na raiz histórica da narrativa. Poderia ter sido, por exemplo, como alguns propuseram, a inundação da bacia do mar Negro. Quando as águas do Mediterrâneo irromperam pelo estreito de Bósforo, e houve uma inundação catastrófica do mar Negro, isso poderia ter sido lembrado. Ou o golfo Pérsico no fim da última era glacial, porque grande parte

da água da Terra estava na forma de geleiras, o nível do mar era mais baixo, de modo que o golfo Pérsico era um oásis verde.

O estreito de Ormuz era a linha costeira no fim da última era glacial. E o que aconteceu foi que, à medida que as geleiras derretiam, o nível do mar subiu e o golfo Pérsico se formou. Ele foi inundado. Alguns sugeriram que isso poderia estar na origem dessas histórias de dilúvio, comuns à Mesopotâmia, à Bíblia hebraica e assim por diante. Então, sim, quero afirmar que pode muito bem haver acontecimentos históricos na origem disso. Mas que tenha sido mundial parece estar descartado pelas evidências científicas. Agora, não estou convencido de que Walton e Longman estejam certos ao dizer que isso é mera hipérbole.

Isso me parece simplista demais. Eles podem estar certos quanto às dimensões da arca, mas, quanto ao conjunto, suspeito que isso deva ser explicado pelo gênero literário da obra, isto é, não se trata simplesmente de um relato histórico direto e literalista, mas de um relato mito-histórico.

Aluno: O que o senhor diria sobre coisas como a torre de Babel ou, por exemplo, a espada de Eleazar ficar presa à mão dele ao enfrentar os filisteus? Acho que isso está em 2 Samuel.

Dr. Craig: Certo, isso não está em Gênesis 1-11. Então vamos nos ater a Gênesis 1-11 e à torre de Babel. Vocês se lembrarão de que eu disse que, tomadas de forma literalista, essas histórias estariam em enorme conflito com a ciência, a história e a linguística. Era nesse terceiro ponto que eu estava pensando em relação à torre de Babel. A ideia de que todas as línguas humanas surgiram em um passado relativamente recente por meio de um acontecimento em um zigueurate babilônico é simplesmente impossível, dado o que os linguistas modernos sabem sobre a origem dos vários grupos linguísticos que existem no mundo.

Eu diria algo muito semelhante nesse caso. Novamente, isso é muito interessante. O que os literalistas costumam fazer é tentar restringir o fenômeno ao âmbito local para salvá-lo. Eles o salvam tornando-o local. Bem, não houve um dilúvio mundial, foi um dilúvio local. Não é a origem de todas as línguas do mundo, é apenas que as pessoas naquele zigueurate babilônico tiveram suas línguas confundidas. Mas, novamente, quando lemos isso no contexto de Gênesis 10, o texto parece ensinar, quanto aos povos do mundo, que as diferentes línguas surgiram ali, na confusão das línguas em Babel. E, antes disso, todos falavam uma língua humana universal.

Entendo a motivação. Eu mesmo a sinto! Quero dizer, quero afirmar que essas histórias são verdadeiras, mas não acho que seja possível salvar a verdade pelo recurso de tentar interpretá-las como acontecimentos meramente locais. Como nosso amigo aqui atrás disse, não acho que a linguagem das narrativas permita isso. E fazem a mesma coisa com o jardim do Éden. Não é verdade que não havia chuva na Terra ou que não havia vegetação antes da criação de Adão. É apenas uma história local. Não havia chuva no jardim. Não havia vegetação ali. Apesar das afirmações universalizantes das narrativas. Esse é um padrão hermenêutico consistente.

Tenta-se salvar a verdade literal restringindo-a ao âmbito local, e não estou convencido de que isso seja legítimo. Acho melhor dizer que estamos lidando aqui com um gênero literário que não precisa ser forçado a um tipo de literalismo rígido.

Conclusões provisórias e bênção

Muito bem. Eu disse que essa tinha de ser a última frase, mas estarei aqui na próxima semana e continuaremos essa discussão. Sei que este conteúdo é desafiador. Para mim também é desafiador, sinceramente. Tenho realmente lutado e me debatido com isso, mas estou compartilhando com vocês as conclusões provisórias que me parecem mais plausíveis. Bem, vamos encerrar com a bênção. E agora, que o Deus da graça os encha de poder e santidade para viver uma vida que lhe seja agradável, abundante no fruto do Espírito Santo, e que contribua para a glória de Deus e para a obra de seu Reino, por meio de Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Referências

C. S. Lewis. Reflections on the Psalms (Reflexões sobre os Salmos).

Hugh Ross. Navigating Genesis.

John H. Walton e Tremper Longman. The Lost World of the Flood.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2019 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-27/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-27/>